

## A ABORDAGEM SÓCIO-INTERACIONISTA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: A MÚSICA NO RITMO DO APRENDIZADO.

Mônica Aparecida Matos <sup>1</sup>

UEMS

**Resumo:** Este artigo objetiva discutir a figura do outro na abordagem sócio-interacionista e facilitar a aplicabilidade da mesma em atividades práticas de *listening, speaking, reading and writing*, no ensino de língua inglesa, mediadas pela música. As considerações aqui expostas, tomam por base os posicionamentos de Vygotsky (1989,1984), que transforma o aprendiz não somente num sujeito ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando tais conhecimentos, papéis e funções sociais e culturais.

**Palavras – chave:** Abordagem Sócio-Interacionista, ensino de língua inglesa, Interação.

### Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa aplicada no curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), nas disciplinas de Língua Inglesa, no intuito de discutir a aplicabilidade da teoria sócio-interacionista em habilidades de língua inglesa (*listening, speaking, writing and reading*), tendo em vista o ensino-aprendizagem de língua inglesa mediado pelo “outro” e tendo como um suporte para as atividades, a música.

Os pressupostos teóricos que embasaram tal pesquisa são os que informam sobre o conceito da abordagem sócio-interacionista com foco na interação, considerando os aspectos históricos-culturais e desenvolvimento intelectual da aprendizagem. Acredita-se que por meio da interação, seja com o mundo, com o outro, com a máquina e com a mídia, pode haver uma certa transformação no indivíduo, no que se refere ao seu desenvolvimento intelectual e como ser humano, considerando o seu contexto histórico-social. (VYGOTSKY, 1971,1984,1988,1989).

---

<sup>1</sup> [monica.matos <monicamatos@uems.br>](mailto:monica.matos@uems.br)

Como um recorte de investigação maior, a aplicabilidade da abordagem sócio-interacionista foi por meio de atividades mediadas pela música. Foram introduzidas oito músicas (escolhidas pelos próprios acadêmicos) em toda a pesquisa, sendo escolhidas apenas três delas para este artigo.

Os pressupostos teóricos que embasaram tal pesquisa são os que informam sobre o conceito da abordagem sócio-interacionista com foco na interação, considerando os aspectos históricos-culturais e desenvolvimento intelectual da aprendizagem. Acredita-se que por meio da interação, seja com o mundo, com o outro, com a máquina e com a mídia, pode haver uma certa transformação no indivíduo, no que se refere ao seu desenvolvimento intelectual e como ser humano, considerando o seu contexto histórico-social. (VYGOTSKY, 1971,1984,1988,1989).

### **A Abordagem Sócio-Interacionista**

Nesta abordagem o principal nome é o de L. S. Vygotsky, psicólogo russo que viveu e desenvolveu seus estudos durante os anos 30, pois, juntamente com seus seguidores Luria e Leontiev, faziam parte de um grupo de intelectuais da Rússia, que trabalhavam num clima de grande idealismo e na emergência de uma nova sociedade. O Sócio-Interacionismo proposto por Vygotsky tinha como principal veia a interação entre os indivíduos. No Ocidente, no entanto, sua "teoria" só ficou conhecida a partir dos anos 80 e 90.

Para Vygotsky (1971,1984,1988,1989), todo o processo de aprendizagem direcionava-se à interação do indivíduo com o meio externo, trata-se de uma interação não somente com os objetos, mas com outros indivíduos também. Considerava o desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como um processo de apropriação pelo homem da experiência histórico-social. Segundo ele, organismo e meio exercem influência recíproca, portanto o biológico e o social não estão dissociados, sendo que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, possibilitando as transformações de si próprio e de outros por meio da cultura, portanto, seu pensamento pode ser chamado de sócio-interacionista.

Segundo Oliveira (1998), um conceito central para a compreensão das concepções Vygotskianas sobre o funcionamento psicológico é o conceito da mediação. Oliveira (1998) diz que:

[...] Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada. As funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura tal que o homem e o mundo real existem mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana.(p. 27) .

Entende-se assim que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, é mediada por “ferramentas” da atividade humana, ferramentas estas, que podem ser criadas exclusivamente pela espécie humana. Sendo que o pressuposto fundamental da mediação se faz por meio de uma perspectiva sócio-histórica, porque é através de signos e instrumentos que os processos de funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura, sendo assim, a linguagem<sup>2</sup> é considerada um papel de destaque no processo de desenvolvimento dos pensamentos (REGO, 2000, p. 42,43), mas a aquisição da linguagem pode ser um paradigma para o problema da relação entre aprendizado e desenvolvimento. A mesma, surge inicialmente, como apenas um meio de comunicação ente a criança e as pessoas em seu ambiente e só após a conversão em fala anterior, ela organiza o pensamento do indivíduo, tornando-se uma função mental interna.

Ao longo do processo de desenvolvimento mental, o indivíduo deixa de necessitar de marcas externas e passa a utilizar símbolos internos, isto é, representações mentais que substituam os objetos do mundo real, sendo que estes símbolos internos fazem alusões às marcas externas, elementos que evidenciam objetos, eventos e situações.

Para Vigotsky (1984), existem dois níveis de conhecimento: o real e o potencial. No primeiro, o indivíduo é capaz de realizar tarefas por si próprio, ou seja, não é necessário a intervenção de outro, seria como funções já amadurecidas, produtos finais do desenvolvimento. Já o segundo, não ocorre esta independência, o indivíduo só consegue realizar tarefas com o auxílio do outro, pois denota um desenvolvimento que está ainda num processo brionário, estas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento.

---

<sup>2</sup> Sistema simbólico básico de todos os grupos humanos.É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituir os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo.

Em virtude disto, Vygotsky (1987), define a *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP)<sup>3</sup>, justamente como esta distância entre estes dois níveis acima citado, ou seja, o nível de desenvolvimento já adquirido (maturado), como também aquele desenvolvimento que está em processo de maturação, que Vygotsky diz que este só é atingido de maneira lenta e mediado por alguém ou com auxílio de um objeto, (máquina, outras pessoas etc.).

O processo de desenvolvimento cognitivo está centrado na possibilidade do indivíduo ser colocado ou exposto em situações problemas que provoquem a construção dos conhecimentos e conceitos, a partir da zona de desenvolvimento proximal, pois, o mesmo necessita expor seus conhecimentos já consolidados, reestruturados pelas novas informações, que serão processadas através da interação, para que só assim, novos conhecimentos sejam processados e adquiridos por intermédio de outros indivíduos.

Segundo (VILLARDI, 2001), a idéia de conceito de interação a qual se aplica na abordagem sócio-interacionista, não é algo opinativo, ou apenas ouvido pelo outro de maneira ampla, mas algo muito mais significativo, no que se refere à aprendizagem, é especificamente uma efetivação de ações, mudanças no ato de pensar e agir ocorrem pelo discurso do outro, é algo mútuo e tais mudanças interferem na consolidação de novos conhecimentos.

## **O Papel do outro na construção do conhecimento**

A aprendizagem de uma língua estrangeira acontece tipicamente com a participação de outras pessoas, com a interação, propriamente dita, mas, o fato curioso é que a maioria das teorias de aquisição de línguas não focalizam de forma explícita quanto ao papel do outro. A única teoria que enfatiza o papel do “outro em tal processo é a teoria sócio-cultural ou sócio-interacionista. Entretanto, ela mostra o lado bom da

---

<sup>3</sup> Em inglês *Zone of proximal development* (ZPD)

interação, ignorando assim que o ‘outro’ também pode ser uma barreira para a aprendizagem do parceiro, funcionando assim como uma ameaça à face do aprendiz, causando intimidação, constrangimento e medo. (PAIVA, 2008).

Questionários aplicados em sala de aula para os discentes do curso de letras –habilitação em Português\Inglês de uma universidade, totalizando por volta de 180 alunos participantes da mesma, revelam a importância do “outro” no processo de ensino-aprendizagem de uma língua Estrangeira e como os aprendizes retratam o outro em seus discursos e esse outro é representado pelo papel do professor, da família, parentes, amigos, colegas e artistas.

## O Professor

O outro mais citado nos discursos dos acadêmicos é o professor. Ora ele aparece como o grande incentivador e responsável pelo ensino-aprendizagem, ora como a pior figura desse processo, sendo o vilão da história; o desmotivador e o responsável pelos fracassos, frustrações e medos. É notável isso em alguns depoimentos de alunos representados pelos discursos (1), (2), (3), (4) e (5):

- (1) As aulas são motivadoras, o professor consegue prender nossa atenção por meio de atividades prazerosas. Isso me incentiva a estudar mais e mais a língua inglesa. Consigo fazer e entender as atividades somente com as explicações do professor.
- (2) Quando eu estudava inglês no ensino fundamental e Médio, eu não gostava do meus professores de inglês, eram tradicionais e eu não entendia nada. Frustrrei-me quando deparei com o inglês na universidade, pois, verifiquei que nada sabia, mas, a partir do momento que escutava as músicas e fazia atividades interessantes, comecei a interessar pela língua e houve uma certa motivação.
- (3) Creio que sem o professor não seria possível aprender inglês, é uma língua muito complicada e não é possível aprender a pronúncia correta.

- (4) O professor passa assuntos interessantes sobre a cultura que não sabemos e isso nos ajuda compreender e interessar-se pela língua. Adoro aprender inglês quando o professor nos ensina a falar, porque assim, observo a pronúncia e consigo falar com o professor, então, se estiver errado, ele logo me corrige.
- (5) Meu professor me incentivou a gostar de inglês quando cursava o ensino médio. É por isso que hoje estou cursando letras. As aulas dele eram encantadoras. Ele trabalhava muito bem a leitura e nos levava para um mundo diferente, eu conseguia pegar bem os vocabulários e as mensagens do texto e até mesmo escrever bem as minhas idéias. Ele era atencioso e sempre me ajudava a tirar as dúvidas. Então, decidi ser uma professora e dar aulas como ele.

Na maior parte dos discursos dos acadêmicos, nota-se a motivação gerada pelo professor, sendo ele, o outro que interage e proporciona uma forma prazerosa de se trabalhar uma língua estrangeira, no caso, o inglês. Professores que falam sobre culturas, que incentivam e mostram a importância em se aprender um idioma, que direcionam a trabalhar de uma forma diferenciada, alunos que afirmam ter um certo deslumbramento para com os seus professores, são aqueles professores que incentivam seus alunos com aulas dinâmicas e que usam as habilidades aplicadas de forma plausível e não ficam apenas em função de um material didático, por exemplo o livro didático usado em sala de aula.

Observa-se outros discursos que há uma crítica severa para com a figura do professor e afirmam a questão das aulas tradicionais centradas apenas em conteúdos e pouca fala em inglês. Os discursos são evidentes quanto a negatividade que o professor pode transmitir ao outro, causando medo, ansiedade e humilhação. A representação dos discursos será feita da seguinte forma: (6), (7), (8), (9) e (10)

- (6) Nossa, eu tinha medo, pavor do meu professor de inglês. As aulas eram muito chatas e a hora não passava logo. Eu não via a hora de acabar aquelas aulas. O professor pedia para eu ler em voz alta, mas tinha receio quanto a pronúncia e quando lia errado, ele me corrigia logo em seguida, tinha muita vergonha.
- (7) Meu professor pedia para decorar listas de verbos para fazer exercícios e tinha que falar todos eles com tradução na prova oral. Às vezes não lembrava a pronúncia de alguns verbos e o professor tirava pontos por causa disso. Eu detestava as aulas de inglês.

- (8) Adorava inglês antes do ensino médio, estudava sozinho, ouvia minhas músicas e até consigo traduzi-las, mas quando estava no ensino médio comecei a sentir raiva da matéria porque minha professora dava mais atenção aos alunos que sabiam mais, aqueles
- (9) já falavam, que já tinham ido para o exterior e assim por diante. Todas as vezes que ia perguntar algo para ela, a resposta era sempre a mesma: “Estude com o fulano, com o cicrano”, já não agüentava mais, então, não mais perguntava nada para a professora. Desanimei, e só estudava para tirar nota nas provas.
- (10) Sou muito comunicativo e adoro conversar sobre aquilo que eu sei ou que aprendi, mas, nas aulas de inglês não tenho tal oportunidade. Eu só aprendo, falando e trocando idéias com os outros. Meu professor não dá esta oportunidade em sala, só ele quem fala, ele é o centro das aulas. Que chato!

Nota-se que, nos discursos acima, a figura do “outro”(professor) é meramente negativa, pois a interação aqui é simplesmente uma barreira para a aprendizagem do aluno. A interação com o outro nestes discursos se resume em desmotivação e nos mostra que os alunos se sentem muito frustrados e ignorados pelo outro.

## Parentes

Os parentes também possuem um papel importante para a aprendizagem dos acadêmicos. Uma acadêmica (1) que cursa o terceiro ano de Letras menciona a influência da irmã - que mora em Dallas- em sua aprendizagem:

- (1) Minha irmã mora em Dallas e pretendo visitá-la em breve. Ela fala inglês muito bem e sempre que nos falamos, ela me corrige e passa algumas instruções de como o inglês é usado lá. Sinto-me motivada a aprender a língua inglesa.



Pais, avós, tios, primos e irmãos são muito mencionados nos discursos dos acadêmicos como fonte de interação para a aprendizagem dos mesmos. Pais que acompanham e incentivam seus filhos para que falem a língua, muitas vezes funcionam como professores informais, falando e ensinando, avós que necessitam do auxílio de uma tradução de manuais de instruções, músicas e de palavras técnicas relacionadas à internet, primos e irmãos que expõem em contato com bandas internacionais e aciona o gosto pela língua inglesa.

(2) Bem, comecei a gostar de inglês no ensino fundamental. Minha mãe me ajudava a falar as frases que não sabia e me ensinava a gramática de forma diferente, ela dava dicas interessantes, mostrava a pronúncia das palavras nas músicas favoritas dela. Bem, na verdade, eu não sabia bem a gramática, mas tinha certeza que ali, eu me apaixonei pelo inglês.

(3) Meus avós têm uma lojinha e vendem artigos importados e sempre pedem para eu traduzir manuais de aparelhos eletrônicos, etc. Sinto-me importante e gosto muito de aprender inglês por intermédio das traduções dos manuais.

(4) Minha aprendizagem começou aos 10 anos de idade. Meus irmãos mais velhos costumavam ouvir bandas de rock –Nirvana, Gun's and Roses, Rolling Stones, dentre outros, quase todos os dias. Tal fato, deixou-me muito curioso em relação a descobrir o significado das músicas e aprender a cantá-las corretamente.

## **Amigos e Colegas**

Amigos e Colegas aparecem muito nos discursos como sendo importantes no processo de aprendizagem, tanto de forma negativa quanto positiva. Alguns acadêmicos observam o desenvolvimento do idioma por meio de um colega e outros já acreditam que falar com colegas estrangeiros é a melhor opção. Vejamos os discursos, representados por (1) e (2):



- (1) Desenvolvo meu inglês quando estou em companhia dos meus colegas de classe, embora seja uma sala numerosa, consigo falar com todos, tento usar a língua inglesa com todos eles.
- (2) Gosto de fazer amigos estrangeiros, porque conversamos bastante em inglês e podemos praticar e trocar experiências bem interessantes.

Mediante tais discursos, compreende-se que amigos estrangeiros proporcionam o papel de “professor particular”, acadêmicos têm a oportunidade de interação com a expressão oral. Em relação aos colegas e amigos da sala de aula, nem sempre atuam de forma positiva, pois, em outros discursos mostram que muitas vezes o colega de classe mais “competente” pode causar inibição e são muitos os discursos como estes em (3):

- (3) Fico quieta, nem pergunto nem falo nada em sala de aula. Me sinto inferior aos demais, porque quando penso em falar algo, os que sabem mais, sempre são os primeiros.

Esta mesma aluna, no decorrer de seu discurso, mesmo dizendo que os alunos mais experientes a deixam mais inibida, afirma que a proficiência deles ajuda muito para a aprendizagem e que não é tão ruim assim.

A influência da abordagem sócio-interacionista em sala de aula, proporciona o trabalho com atividades em pares ou em grupos. Discursos relatam a eficácia do trabalho em grupo, discurso (4), mas também há influências negativas em relação a isso, discurso (5).

- (4) Eu acho que o trabalho em grupos ou duplas é muito satisfatório, eu por exemplo aprendo muito, principalmente vocabulários quando estou em grupo e também porque é muito divertido ficar entre amigos [...].
- (5) [...] gosto do trabalho em grupo, mas não vejo tanta vantagem assim, porque muitos colegas não vêm preparados para a aula, outros não sabem nada e não interagem.

Observa-se que, mesmo que na maioria dos discursos os acadêmicos afirmarem que o trabalho em grupo é bom e pode auxiliá-los, nem sempre há interação desejada pelo conceito de mediação definido por Oliveira (1998).

## Artistas

A cultura é mencionada com grande ênfase e relevância em quase todos os discursos como fonte riquíssima de *input* compreensível para a aprendizagem. A figura do outro aqui é vista pelos textos, músicas e filmes. Mas, a música é a campeã nos discursos analisados, pois, além dos textos (as letras) auxiliar na aprendizagem, ela fornece o *input* da voz do cantor, sem falar que a mesma desperta o cognitivo (emoções, *feelings*) do indivíduo e muitas vezes os *video clips* funcionando como *input* também. Vejamos alguns discursos selecionados dentre os setenta aplicados aos acadêmicos, representados por (1), (2), (3) e (4):

- (1) Amo aprender inglês por intermédio dos filmes, principalmente os românticos, por causa das trilhas sonoras que eles trazem. As imagens me ajudam a interpretá-las e consigo assimilar gramática e vocabulário ao mesmo tempo.[...], em minha opinião essa é a melhor forma de aprender uma língua.
- (2) Gosto de assistir *clips* musicais porque me incentivam a estudar inglês. Pelos *clips*, eu consigo encontrar *playbacks* destas músicas e canto sozinha.
- (3) Aprendi inglês por causa das músicas que tive que aprender para tocar numa pequena banda. Foi ótimo, além da motivação que tive, a música me ajudou a falar corretamente, ou seja, imitar os sons das palavras.
- (4) Conheço a maioria das bandas britânicas porque eu tenho uma coleção de *posters* das mesmas. As músicas dessas bandas me fizeram a estudar inglês e não parei mais, já tem seis anos que falo aulas para compreendê-las.

Nota-se que as manifestações artísticas são estratégias favoritas para a aprendizagem de uma língua, no caso, o inglês, sendo a música “o outro”, onde a maioria dos acadêmicos interagem dentro da concepção da abordagem sócio-interacionista.

### **Sugestões de atividades para trabalhar com músicas numa abordagem sócio-interacionista.**

De acordo com Faria apud (Prado,1998), estímulo da emoção em sala de aula, pode ajudar na aprendizagem do aluno. A emoção e o prazer de aprender pode desenvolver o domínio cognitivo e efetivo. O ambiente da sala de aula deve ser o mais agradável possível, espaço em que haja respeito e interação

Pois (PRADO, 2008), ressalta que aspectos lingüísticos devam ser trabalhados e além dos mesmos, os emocionais também, porque é através deles que o aluno passa sua sensibilidade e habilidade de forma espontânea.

De acordo com Sá apud (MURPHY, 1992), a música é altamente memorável seja porque cria um estado de receptividade e descontração, ou suas mensagens tocam o emocional dos alunos. A música libera energia positiva e sempre ocupa o mundo que nos rodeia.

Além disso, quando se trata de ensino-aprendizagem de uma língua, subentende-se que as quatro habilidades estejam inseridas nesse processo: *listening, speaking, writing and reading*, já que o “outro” mais relevante para a aprendizagem do aluno é a música, segundo discursos dos acadêmicos.

Todas as habilidades são trabalhadas na sequência de *pre, while and post activities*, ou seja, em todas elas há uma ordem para trabalhar o antes, o durante e o depois, atividades seqüenciais que oferecem um bom *input* para a aprendizagem. Nos exercícios de *pré*, ou seja, “o antes”, pode ser na escrita, na audição, na fala ou na leitura, faz-se questionamentos iniciais sobre o tema a ser discutido, explorando o título das músicas. Em seguida, figuras são introduzidas para estimular a interação, assim, o acadêmico poderá fazer a mediação entre os signos e as ferramentas, ou questionamentos sobre o tema a música.



EDIÇÃO 17 – 1º SEMESTRE DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/12/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 05/01/2014



Nas atividades de *while*, ou seja, durante as habilidades, estratégias de vocabulários são introduzidas em forma de mapas conceituais, desenhos, sinônimos e antônimos de acordo com as letras das músicas. Figuras são comparadas aos vocabulários das mesmas, cenas cotidianas que possam ajudar na assimilação dos vocábulos. Questionários em inglês são distribuídos para que as duplas respondam de forma subjetiva, em relação às letras, exercícios de falso ou verdadeiro são feitos juntamente com as letras em mãos. Estrofes são trabalhadas em forma oral, as duplas falam sobre a mensagem da música e o que esta representa para eles. Estrofes são cantadas e traduzidas de acordo com o contexto histórico de cada acadêmico. Duplas fazem encenação ou seminário sobre estrofe para os demais. Acadêmicos fazem uma análise histórica da música, momento historio-cultural e político, tipos de discursos ali presentes, biografia dos cantores, etc.

Em atividades de *post*, que são exercícios posteriores, onde requer a produção das habilidades, os acadêmicos produzem textos com os temas apresentados, teatros, seminários, diálogos coletivos ou em duplas, simulam situações cotidianas para o uso da fala em inglês, cantam com o uso de *playbacks*, criam *vídeo clips* e até mesmo um livro contando sua própria história.

Estas formas de trabalhar as habilidades em inglês, fornece aos acadêmicos um *input* compreensível para que eles possam interagir de forma plausível com o próprio texto musical e com os outros colegas para que desenvolvam as quatro habilidades na aprendizagem do inglês e não somente isto, também seu próprio desenvolvimento real, que é adquirido pelo conhecimento que o acadêmico já possui mais o conhecimento que o “outro” oferece aos mesmos, adquirindo assim, o conhecimento real, que segundo Vygosty (1989,1984), o “outro” transforma o aprendiz não somente num sujeito ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando tais conhecimentos, papéis e funções sociais e culturais.

## **Considerações Finais**

Em geral, o outro tem uma grande influência positiva para o desenvolvimento intelectual do aluno, pois desperta o interesse pelo estudo da língua, auxilia no processo de aprendizagem e na formação cultural. Existem casos em que o outro já exerce uma influência negativa, causando o desinteresse e inibição do aprendiz, situação essa, que pode levar a desistência do aprendizado de um idioma e outros que partem para um estudo mais autônomo. O par (duplas) mais competentes ainda é apontado como um auxiliar no processo de aprendizagem, tanto para quem aprende, como para quem ensina.

O professor tem sua influência positiva no processo de aprendizagem também, mas desde que não seja um controlador, autoritário e mero depositário de conhecimentos, pois pode gerar um certo constrangimento, medo e decepção por parte dos alunos. O papel do professor é agir como um mediador, um elo entre aprendizes e conhecimentos, um fornecedor de *input* compreensível para o auxílio na aprendizagem, ele é o responsável pelo filtro afetivo do aluno para que haja interação e o gerenciador da aprendizagem para que a mesma atinja a Zona Proximal do desenvolvimento do indivíduo.

A presença de falantes mais competentes num grupo, acaba inibindo e fechando para a conversação os outros alunos. Eles se sentem menos “competentes” e desmotivados à aprendizagem e prejudicados, pois preferem estar com colegas do mesmo nível de conhecimento. Entretanto, discursos apontam para o fato de que estudos com pares mais “competentes”, ainda é positivo para a maioria dos acadêmicos.

O outro que exerce grande influência por unanimidade é o papel da produção cultural. Além de agentes humanos estarem envolvidos no processo, há uma grande variedade de artefatos culturais envolvidos, tais como: os livros, os filmes, a TV, o computador, o teatro, a música e etc. Análises dos discursos relatam que a música é o “outro” mais relevante e utilizado para uma boa interação com a aprendizagem, pois ela possibilita a assimilação de novos vocabulários contextualizados e a oportunidade da prática da pronúncia dos mesmos, além disso, é uma grande fonte de *input* compreensível.

Com todas as análises feitas durante a pesquisa, conclui-se então que, o “outro” não é tão colaborativo assim, como diz a teoria sócio-cultural, ou a abordagem sócio-interacionista. Esse trabalho nos permite a não generalizarmos o papel do outro na aprendizagem de línguas conforme diz a teoria acima supra-citada, pois



EDIÇÃO 17 – 1º SEMESTRE DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/12/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 05/01/2014



verifica-se que, por exemplo o “outro” pode causar um certo desconforto com o cognitivo do aluno em várias situações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRAFIAS

OLIVEIRA, Martha Kohl de, **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo, Scipione, 1998.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. **O outro na aprendizagem de línguas**. Disponível em: <  
<http://www.veramenezes.com/outro.pdf> >. Último acesso em: 01 jun, 2011.

REGO, T. C. **Vygotsky- Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2000.

VILLARDI, R. **O Processo de aprendizagem em uma perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo, 2ª Ed. Editora Vozes, 2001.

YVYGYTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizadores: Michael Cole. [el al.] ; tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto . Solange Castro Afeche. -6ª ed. Martins Fontes. São Paulo, 1998.



EDIÇÃO 17 – 1º SEMESTRE DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/12/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 05/01/2014



\_\_\_\_\_. **Mind in society: the development of higher psychological processes.** Cambridge: Harvard University Press, 1978.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **The Psychology of Art.** Cambridge, Mass. The M.T.I Press, 1971.

\_\_\_\_\_. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo, Ícone-Edusp, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, 2ª Ed. Martins Fontes, 1989.